

Entre Botas e Câmeras: Cinema, Juventude e Intolerância no século XXI

Paulo Roberto Alves Teles¹

Resumo: O artigo investiga as representações da intolerância e do neofascismo através do documentário *Skinhead Attitude!* (2003), de Daniel Schweizer. A problemática central consiste em compreender de que maneira o cinema produz leituras sobre grupos juvenis *skinheads* e como essas representações dialogam com a ascensão da extrema-direita no século XXI. O objetivo é rediscutir a análise realizada em 2012 sobre o documentário, ampliando-a a partir do contexto atual. A metodologia aplicada foi marcada pela análise fílmica e contextual, que considerou tanto os elementos internos das obras (enredo, estética, personagens, música) quanto seus aspectos externos (contexto histórico, recepção, circulação). Em relação aos resultados, acreditamos que o cinema funciona como lente interpretativa do tempo presente, revelando tensões entre diferentes vertentes *skinheads*. Desse modo, entendemos que os filmes documentam e reinterpretam a intolerância, contribuindo para o debate sobre memória, identidade e resistência no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Cultura juvenil; Microculturas; Narrativas audiovisuais; Memória coletiva.

¹ Doutor em História Comparada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2878680431074596>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5932-615>. Email: pauloteles_aju@hotmail.com.

Boots and Lenses: Exploring Youth, Cinema, and Intolerance in the 21st Century

Abstract: This article investigates the representations of intolerance and neo-fascism in the documentary *Skinhead Attitude!* (2003) by Daniel Schweizer. The central issue is to understand how cinema shapes interpretations of youth skinhead groups and how these representations relate to the rise of the far-right in the 21st century. The study aims to revisit the 2012 analysis of the documentary, expanding it in light of the current context. The methodology combined filmic and contextual analysis, considering both internal elements of the work (plot, aesthetics, characters, music) and external aspects (historical context, reception, circulation). The results suggest that cinema functions as an interpretive lens of the present, revealing tensions among different skinhead currents. Thus, films not only document but also reinterpret intolerance, contributing to debates on memory, identity, and resistance in contemporary society

Keywords: Youth culture; Microcultures; Audiovisual discourse; Collective memory.

Introdução

Passados 20 anos após lançamento do documentário *Skinhead Attitude!* (2003) e quase 10 anos da 1ª edição do livro *História, Neofascismos e Intolerância* (2012) organizado pelo historiador Dilton Cândido Santos Maynard^I, observamos que a ascensão da extrema-direita no século XXI continua viva e segue sendo alvo de investigações acadêmicas^{II} realizadas nos últimos anos. Somado a isso, observou-se uma frequente produção cinematográfica em consonância com essa temática, disponíveis nas referências desse capítulo, obras com variadas formas de produção, recepção do público e premiações.

Observa-se desse modo que a sétima arte se mantém sensível ao crescimento desses movimentos, ao representar diferentes faces e frames de uma mesma questão. Nesse sentido, o objetivo desse capítulo é rediscutir a análise sobre o documentário *Skinhead Attitude!* realizada em 2012^{III}. Compreendemos que, diante da permanência da problemática, é necessária uma releitura não apenas sobre o filme como também sobre as manifestações de intolerância praticadas por grupos juvenis, em especial, *skinheads* neonazistas.

Pesquisas que utilizam produções fílmicas como objeto de estudo possuem em geral as seguintes perguntas: O que os filmes e as suas cenas exibem? Quais os elementos exteriores e interiores compuseram a produção das obras? Como o filme foi recebido pelo público e quais os seus possíveis impactos? A resposta para a primeira pergunta é marcadamente objetiva. Nesse momento inicial, dedica-se a apresentar o tema selecionado para o filme, os personagens, o enredo, o ambiente, a fotografia, a trilha sonora e os demais elementos que compõe a obra.

Já a segunda resposta, busca adentrar em questões mais subjetivas, trata-se aqui da trajetória que contribuiu para a construção da obra. Nesse momento, envolvem-se questões que vão desde ao contexto histórico no qual a película foi produzida, até mesmo a biografia e cinebiografia dos diretores, produtores e

atores envolvidos. Por fim, uma vez a obra concluída e apresentada ao público, busca-se investigar como se deu a sua recepção, bilheteria, premiações, intertextualidades e aspectos que não mais são controlados pelos agentes criadores. A partir desse ponto o filme se torna um objeto de interpretação constante, não seria diferente com *Skinhead Atitude!*.

O cinema: Um porta-voz do tempo

De certo modo, ao longo do século XX a produção de filmes que propuseram apresentar, de formas diretas ou mais contidas, a intolerância, foram frequentes no cenário do cinema mundial. Observamos que, em certa medida, as produções foram instrumentos para justificar essas práticas como, por exemplo, *O Judeu Sürs* dirigido por Veit Harlam em 1940, *O Triunfo da Vontade* (*Triumph des Willens* – 1935) produzido pela cineasta alemã Leni Riefenstahl sob encomenda do Partido Nazista. Mais adiante, *Vampiros de Almas* (*Invasion of the Body Snatchers* – 1956) dirigido por Don Siegel, no ambiente do Macarthismo estadunidense, ou até mesmo *Chapaev* (1934) dirigido por Georg e Sergei Vasilyev com o intuito de legitimar o regime stalinista.

Outras formas de utilização do cinema foram marcadas pela denúncia ou contestação da intolerância. Destacamos filmes como *Laranja Mecânica* (*A Clockwork Orange*, 1971) de Stanley Kubrick, *A Onda* (*The Wave*, 1981) de Alex Grasshoff, *Mississippi em chamas* (*Mississippi Burning*, 1988) de Alan Parker, *Faça a coisa certa* (*Do the right thing*, 1989) de Spike Lee, *A Força Branca* (*Romper Stomper*, 1992) de Geoffrey Wright, *A Outra História Americana* (*American History X*, 1998) de Tony Kaye e Edward Norton, dentre tantos outros produzidos nesse período.

Esses filmes, apesar de abordar faces diferentes da intolerância, coincidem na abordagem sobre a desumanização do indivíduo. Suas discussões variavam desde o sadismo de *Laranja Mecânica* (1971) a problemas relacionados às cidades,

disputas territoriais e tensões étnicas como *Táxi driver* (Martin Scorsese, 1976) e *Faça a coisa certa* (1989). No entanto, a partir da década de 90 percebe-se uma produção fílmica, onde o destaque é o aparecimento de tribos urbanas, como por exemplo, o movimento *skinhead*, em especial, *skinheads* neonazi. Películas como *Skinheads* (*Skinheads: The Second Coming Of Hate*, 1989) de Greydon Clark, *A Força Branca* (*Romper Stomper*, 1992) de Geoffrey Wright e *A Outra História Americana* (*American History X*, 1998) de Tony Kaye e Edward Norton, apresentam uma tendência de produções e abordagens fílmicas sobre esse tema.

A partir da primeira década do século XXI, apesar das produções se inserirem num mesmo contexto, tribos urbanas, intolerância e neofascismo, elas já apresentavam um amadurecimento em suas abordagens. Coincidentemente, é notável também o surgimento de um discurso extremamente conservador no cenário político mundial e de movimentos caracterizados por uma oposição ao contexto globalizante, temáticas que também surgem nesses novos filmes.

O que se observa é que após 20 anos do lançamento do documentário *Skinhead Attitude!*, essas questões não apenas se mantêm vivas, como também trazem à tona o aprofundamento de questões já denunciadas no início do século XXI. Dentre elas, as crises socioeconômicas, as inseguranças trazidas pela globalização, o excessivo individualismo e o fortalecimento dos movimentos intolerantes. A obra dialoga com o nosso tempo e os seus dilemas se mantêm vivos perante a nossa realidade.

Afinal de contas quem são os skinheads?

Calçados com botas escuras Doc Martens, vestidos com jaquetas de aviador de bombardeiros ou Harrington, calças de combate e é claro, carecas: Eis modelo *skinhead*. Costumam estar em grupos juvenis de grandes centros urbanos,

além de assumir posturas marcadas pelo embate ao status quo. Mas afinal de contas quem são esses jovens descritos por essa aparência?

A realização de estudos sobre a organização desses grupos compreende diversas nomenclaturas. Subcultura, microcultura, contracultura e tribos urbanas ou neotribos são apenas alguns exemplos de termos utilizados para conceituá-los. Outro aspecto dos estudos sobre essa temática é a discussão sobre as razões que resultariam na criação dessas reuniões de indivíduos.

Vitor Sérgio Ferreira^{IV} considera que esses jovens compõem redes de afinidades de gosto. Em suas palavras, “As relações sociais estabelecidas entre jovens no âmbito desses contextos microsociabilísticos são simbolicamente mediadas, em grande medida, por um recurso dotado de enorme valor gregário entre os jovens: o gosto pela música”. No caso dos skinheads, observa-se essa linha argumentativa pela apreciação desses grupos pelo estilo musical Ska e *Oi!*, algo que é apresentado pelo documentário *Skinhead Attitude!*

Para mim os skinheads estão aqui dentro (coração). Como skinheads deve primeiro: amar seus doc martens, amar a música ska, ter a atitude correta em seu coração e na cabeça, tem que gostar de futebol, tem que gostar de agitar, como qualquer outra pessoa da subcultura, e creio que o mais importante, é ser antiracista^V.

No entanto, o pesquisador aponta para as dificuldades em classificar e caracterizar os mais diversos grupos juvenis, visto que eles não possuem um aspecto identitário definido. Por exemplo, o fato de uma determinada microcultura juvenil exercer um comportamento xenófobo não torna todos os grupos juvenis praticantes desse mesmo comportamento; os próprios *skins* divergem em várias facções e ideologias.

onde a pertença era entendida como permanente, exigindo um elevado grau de compromisso dos participantes, a adesão passou a ser assumida como transeunte e o grau de

compromisso substancialmente mais fraco; onde subsistia um baixo nível de mobilidade, passou a persistir um acentuado grau de mutabilidade intergrupala, implicando a circulação através de socialidades reticulares, estruturadas em rede, cujos “nós” se inter cruzam em afinidades frágeis e lealdades temporárias, revisionáveis e transitórias, a qualquer tempo renegociadas ou canceladas^{VI}

Desse modo, os gêneros Ska e o Oi! aparecem como elemento de aproximação entre os skinheads. “A música não só domina os tempos como também as relações desses jovens, sendo um recurso cultural em torno do qual, em grande medida, se estruturam as densas redes de sociabilidade de que participam^{VII}. A música traz consigo sentimentos que são transportados para os comportamentos dos indivíduos, que, ao estarem imersos em seus respectivos grupos ou microculturas, reproduzem estilos e formas de vivenciabilidades.

Nesse sentido, por estarem associados a inúmeros aspectos de cultura, como a música, a indumentária e até mesmo a determinados grupos sociais específicos, o autor considera que a formação dessa cultura juvenil ou microcultura em torno de elementos gregários são, além de flutuantes, passageiros e efêmeros, pois estariam associados a segmentos identitários rotativos e nômades.

O surgimento de subestilos ou de novas microculturas pode, também, corresponder a reatualizações de estilos já pré-existentes, que se renovam devido à saturação de aspectos relacionados a ele. Assim, a pluralidade é também estimulada pelo mercado, visto que favorece a comercialização de artigos e produtos associados a essa heterogeneidade. Ou seja, o consumo está a serviço da multiplicidade de gostos e estilos surgidos entre os mais diversos grupos juvenis.

Portanto, estar mergulhado no universo da microcultura corresponde, para seus membros, estar livre das amarras sociais, isto é, experimentar uma liberdade artificial que é sufocada no dia a dia de responsabilidades e trabalho. Assim, a microcultura e os universos de comportamentos, estilos, músicas e vestimentas que ela oferece seriam para seus membros, um momento de liberdade e, por assim dizer, digna de celebração. Paradoxalmente, estar mergulhado em um grupo juvenil é, antes de tudo, aspirar a um espaço onde seja possível a plena liberdade individual, isto é, estar livre para exercer quaisquer desejos e comportamentos individuais.

A célere e acentuada complexificação e dispersão reticular da estrutura social do universo underground (não oferecendo formas culturais claras, coesas e homogêneas, mas alianças culturais mutáveis e transeuntes, produtoras de identidades densificadas em feixes de identificações híbridas, fluidas, difusas e ambíguas que, assim, permitem a fuga, as categorizações e homogeneizações subculturais estereotípicas e tradicionais), favorece o acento de uma sensibilidade individualista entre os seus participantes^{viii}.

Para Ferreira, as microculturas corresponderiam a afirmações de individualidades múltiplas, reunidas em um único espaço. Isto é, os seus membros apenas se aproximam porque tem em comum a busca por uma individualidade afirmada através de seus gostos musicais e suas vestimentas. As microculturas poderiam ser vistas dessa forma como válvulas de escape diante estruturas sociais pré-estabelecidas. As posturas assumidas por esses grupos juvenis também podem ser associadas a maneiras de contestação política, visto que esses grupos, ao se disporem contrários aos elementos tradicionais da sua realidade, ofereceriam aos seus adeptos uma alternativa como modo de vida.

Um outro pesquisador sobre o tema, Carles Feixa^{ix} ressaltou o aspecto transitório dos grupos juvenis e, a partir disso, os diferencia de outros grupos sociais

minoritários, como os camponeses, as mulheres e os negros. Também adepto do termo microcultura, Feixa (1999) argumenta que esta concepção está associada à transitoriedade dessas associações que se utilizam de determinado espaço urbano em busca de elementos que os caracterizem e façam parte de sua idealizada identidade cultural, permitindo, inclusive, uma diversificação desse conceito para o termo contracultura, caso esses grupos se manifestem contrariamente ao *mainstream*, isto é a cultura predominante^x.

As culturas juvenis não são homogêneas nem estáticas: as fronteiras são frouxas e as trocas entre os vários estilos são numerosas. Os jovens não costumam se identificar sempre com o mesmo estilo, mas recebem influências de vários, e muitas vezes constroem seu próprio estilo. Tudo isto depende dos gostos estéticos e musicais, mas também dos grupos primários com os quais o jovem se relaciona^{xi}.

Para Michel Maffesoli^{xii}, cada época é caracterizada por um espírito compartilhado pelos indivíduos. Este seria, por sua vez, responsável por influenciar e justificar ações e posturas coletivas. Em suas palavras “a sensibilidade coletiva, ultrapassando a atomização individual, suscita as condições de possibilidade para uma espécie de aura que vai particularizar tal ou tal época”^{xiii}. Dessa maneira, o autor compreende que a produção dessa aura coletiva seria uma motivadora para a formação de identidades que relacionadas ao espaço social e aos modos de representação do outro.

Diante disto, é necessário perceber que determinados comportamentos realizados por tribos ou neotribos, como identificou Maffesoli, deveriam ser interpretados como mecanismos de autoidentificação e, ao mesmo tempo, de dissociação dos demais indivíduos pertencentes à mesma sociedade. Os grupos, sejam eles de quaisquer tipos, possuem rituais dentro de sua organicidade para legitimar esses mecanismos. No entanto, esses comportamentos transcendem o

grupo criador e atingem, através de inúmeros recursos midiáticos (o cinema, por exemplo), outros grupos sociais.

Para Antonio Salas^{xiv}, jornalista que realizou um trabalho investigativo sobre grupos skinheads espanhóis, as origens do movimento *skin* estão associadas a fenômenos musicais surgidos no final da década de 50 e no início da década de 60, na Jamaica, E.U.A e Inglaterra. Salas apontou que a evolução da mistura de ritmos como o jazz, swing e blues, com ritmos jamaicanos como o calipso e o mento produziu, no final dos anos 50, estilo musical *ska*. Por ser consumido pelos *rude boys*^{xv} despertou a atenção das autoridades locais.

O ska começou na Jamaica. Era uma bela mistura de duas influências. Havia o "rude boy" e havia a classe trabalhadora que tanto duro dava e que estava crescendo. E o que surgiu das duas foi o skinhead! E havia brancos, havia negros. Os dois se enfrentavam na pista de dança, e apenas para coisas boas. Eu nunca vi qualquer tipo de discriminação entre os dois^{xvi}

Os *rude boys* integram um processo assistido após a independência da Jamaica (1962), quando jovens jamaicanos migraram para Londres em busca de novas oportunidades de vida e além de expectativas, levaram consigo os seus estilos musicais e é claro, suas manifestações culturais. Marcada pelo cosmopolitismo, Londres vivenciou nesse período o surgimento de diversas tribos urbanas, dentre elas: *rockers, hippies, teddy-boys, mods, hells-angels*, etc.

Os *mods*, em especial, eram grupos caracterizados por serem originários da classe média londrina e pelo seu comportamento violento. Caracterizados pela indumentária marcada pela utilização vestimentas relacionadas à moda *Swinging Sixties*, termo designado para as transformações culturais dos anos 60, e pelas *scooters*, ouviam principalmente *jazz* e *ska*. Em meados dos anos 60, os *mods* se fragmentaram em outros grupos. Um deles, os *hard mods* misturavam futebol,

violência e cerveja, estes, em sinal de repúdio aos seus rivais (*hippies*) raspavam as cabeças, essa seria uma possível explicação para o surgimento da expressão *skinhead*.

Figura 1 – *Rude boys e mods, respectivamente*



Fonte: ANDERSON, Peter. Rude Boys. **Museum of Youth Culture**. Londres. Disponível em Museum of Youth Culture. Shaftesbury Avenue, 154. Londres, Inglaterra. Disponível em <<https://museumofyouthculture.com/rude-boy/>> Acesso 27 maio 2023.



Fonte: FRANCISCO, Pedro. Mods. **Museum of Youth Culture**. Londres. Disponível em Museum of Youth Culture. Shaftesbury Avenue, 154. Londres, Inglaterra. Disponível em <<https://museumofyouthculture.com/mods/>> Acesso 27 maio 2023

Em meados dos anos 1970, os *skins* se consolidam na cena cultural. Entre as explicações para isso, destacam-se o surgimento do movimento *punk*, influenciados por um estilo musical mais agressivo (*Oi!*) e marcado pela contestação dos padrões sociais da época; outra razão seria a crise econômica provocada pelo primeiro Choque do Petróleo (1973). Desse modo, os problemas relacionados às questões socioeconômicas se aprofundam. O desemprego e o aumento do custo de vida se somam às tensões associadas aos imigrantes, acusados por grupos extremistas como causadores da crise vivida pela Inglaterra.

Partidos políticos de extrema-direita, como por exemplo, o *National Front*, se valeram desses problemas para mobilizar grupos *skinheads* e utilizá-los como instrumentos contra os seus opositores. Contando com cerca de dois mil filiados, o

BNP (*British National Party*)^{xvii} apresentam como argumento principal a ideia de que os quase 6 milhões de cidadãos britânicos provenientes das ex-colônias inglesas colocariam em risco os benefícios que o Estado britânico concede a aposentados, desempregados e famílias de baixa renda, considerados pelo BNP como “autênticos ingleses”. Portanto, estes supostos estrangeiros seriam vistos como um peso ao sistema de assistência social.

A frustração e o ressentimento provenientes da crise econômica e da falta de oportunidades, somadas ao descrédito do governo à época, transformou o movimento *skin* para os seus adeptos, uma forma de identidade e de defesa da territorialidade contra uma suposta ameaça estrangeira, e por isso, serviu ao BNP como ferramenta de agremiação, propaganda e atuação de ideologias e práticas fascistas. Assim nasceria o skinhead neonazista.

Vestidos a caráter, em jaquetas de avião de bombardeiros ou Harrington, calças de combate e botas escuras *Doc Martens*, de bico de aço com cordões brancos (que representa a superioridade do branco sobre o negro), diversas tatuagens espalhadas pelo corpo, os *skinheads* se tornam objeto de admiração por todos os grupos que ousavam contestar o Estado e passaram a angariar cada vez mais indivíduos. Além disso, a exaltação à pureza do sangue e do corpo faz com que esses indivíduos se oponham ao consumo de drogas e realizem diversas atividades físicas, principalmente aquelas vinculadas a artes marciais.

Entretanto, não se pode reduzir o movimento *skin* aos *skinheads* neonazistas, pois dentro desse movimento existem diversos grupos que merecem destaque, seja pelas suas propostas ou até mesmo pela sua formação, a saber, os SHARP (*Skin Heads Against the Racism Prejudice*)^{xviii}, RASH (*Red and Anarchist SkinHeads*), *skins-gays* ou *homoskins*, *skingirls* ou *chelseas*, *skin-hooligans* etc. Para a professora Helena Salem “Na realidade, um mesmo caldo social e cultural deu

origem a punks e skins, possibilitando o seu desdobramento natural: muitos punks tornaram-se skins^{XIX}”.

Figura 2 – skinheads e grupo de skinheads neonazistas, respectivamente



Fonte: WATSON, Gavin. Skinheads na propriedade Micklefield em High Wycombe, onde o londrino Watson cresceu. in: Skinhead para raves: as fotos de Gavin Watson dos anos 1980 serão apresentadas em nova peça. **BBC Notícias**. Londres, 21 set 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/news/uk-england-beds-bucks-herts-53833081>> Acesso 27 maio 2023.



Fonte: PICCIOLINI, Christian. Banda de Picciolini chegou a se apresentar na Alemanha. in: LIPMAN, Natasha. O ex-neonazista que hoje se dedica a 'desconverter' extremistas. **BBC News Brasil**. São Paulo, 14 dez 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55201278>> Acesso 27 maio 2023.

***Skinhead Attitude!*: Um documento para a história?**

O documentário *Skinhead Attitude!* (2003), dirigido por Daniel Schweizer, traz em imagens aquilo que o jornalista Antonio Salas e a professora Helena Salem^{XX} apresentaram em palavras: uma maior compreensão sobre os grupos skinheads. Foram utilizadas entrevistas que abrangeram desde bandas e grupos SHARPs (ou *Skinhead Against Racial Prejudice*) até skins neonazi como material de investigação para o filme-documentário.

A produção visitou diferentes cidades em que o movimento atua no mundo e reuniu entrevistas realizadas nos seguintes países: Inglaterra (Londres e

Birmingham), Suíça (Geneva), França (Paris), Polônia (Cracóvia), Suécia (Helsinborg, Klippan), Alemanha (Berlim, Mannheim), EUA (Dallas, Chicago, Las Vegas) e Canadá (Montreal). A construção do documentário baseou-se na coleta de depoimentos de integrantes e ex-integrantes skinheads, o que permite ao espectador análises comparativas sobre essa subcultura.

Skinhead Attitude! apresenta um universo cultural marcado por posturas e símbolos assumidos através de gostos musicais, cortes de cabelo, comportamentos e posicionamentos políticos, além de roupas pré-selecionadas. Essa indumentária, escolhidas como símbolos específicos desse movimento, pode ser interpretada como uma forma de linguagem e de comunicação entre os seus membros e a sociedade que os cerca.

Com o intuito de esclarecer os diferentes comportamentos assumidos pelos *skins*, Schweizer selecionou diversas bandas. Dentre as entrevistadas, destacam-se: *Bad Manners* e o seu vocalista (Buster Bloodvessel), Laurel Aitkem, Sham 69 e seu vocalista Jimmy Pursey, Fred Skarface, dentre outros. Além disso, Schweizer realizou entrevistas com integrantes e ex-integrantes de grupos neonazi como o *Blood and Honour* e *Combat 18*, além de utilizar vídeos, fotos, ambientes e costumes para construir o seu trabalho.

Schweizer demonstra que há uma cisão entre os membros do movimento skinhead a partir dos anos 1970. De acordo com a sua obra, a adoção de ideias e comportamentos nazistas seriam consequência de uma forma de rebelião contra as gerações anteriores, já que estas teriam participado da 2ª Guerra Mundial contra o nazismo.

- Gavin Watson: *Eles não eram nazistas, eles não é mesmo?*
- Simon Não. *O caso era que Melvin era bem punk e todas as imagens nazistas vieram de Sid Vicious, não é? Andava com uma camiseta com uma suástica com "fuck off", o gesto do "V" (gesto ofensivo). Tudo isso... não significava nada. Mas nossos pais estiveram em guerra com os nazistas, nossos*

avós morreram na Europa combatendo os nazis. Então isso era uma rebelião contra os pais, contra a geração anterior^{XXI}.

Portanto, aos olhos desses indivíduos, adotar vestimentas e realizar saudações fascistas era o mais alto grau de rebeldia contra os pais. A partir dos anos 1970, com o surgimento da banda *Sex Pistols* e do cenário *punk*, o movimento *skin* se radicalizou. Era necessário para vários de seus integrantes, diferenciar-se das ovelhas, encontrar sua própria identidade.

Anos mais tarde, com o surgimento da banda *Screwdriver*, fundada em 1976, liderada pelo vocalista Ian Stuart – fundador do grupo *Blood and Honour* – letras de caráter antissemita, marcadas pela intolerância contra negros, homossexuais e imigrantes, além de ideias neonazistas, tornaram-se lugar comum na comunidade *skin*, provocando a divisão no movimento. Outrossim, a aproximação de partidos conservadores e de extrema-direita como *British National Party* (Partido Nacional Britânico – BNP) aos grupos *skins* agravou essa radicalização que somadas a criação de grupos violentos como o *Blood and Honour* e o *Combat 18* contribuiu para o aumento da violência entre os diferentes entre os seus integrantes. Aos olhos dos extremistas de direita, há em curso uma conspiração judaica que pretende dominar o mundo, além de uma política de extermínio da população branca.

Esta é uma situação desesperadora... Somos apenas 6% ou 8% da população mundial, os assim chamados brancos. Pessoas como eu perderam suas esposas, seus empregos, suas vidas sociais... tudo. E foi o governo que causou isso. Ele me criou como sou hoje. Porque eu não sou livre para falar, dizer o que eu quero... Se isto é uma democracia, estou contente pra cacete em ser um nacional-socialista e quero matar e destruir essa sociedade! Eu odeio a democracia!^{XXII}

Se de um lado, vários deles aderiram ao neofascismo, muitos outros mantiveram-se contra essa influência. Para aqueles que se opõem ao neofascismo, os neonazi *skins* não são *skinheads* de verdade. Pelo contrário, são rotulados apenas como racistas ou neonazistas, pois ignoraram as origens do movimento *skin* marcada pela contribuição de várias outras culturas, como o *reggae*, *calipso*, *mento*, levadas por imigrantes jamaicanos para a Inglaterra.

Se você é um racista você não pode ser um skinhead porque o skinhead não existiria sem a Jamaica! Então para negar a cultura?! É por isso que eventualmente nós os chamamos de boneheads porque eles não são skinheads eles são boneheads nós somos skinheads nós os vemos como totalmente diferentes^{XXIII}

Além de se oporem aos racistas, os SHARPs ampliaram as suas críticas para outras questões, como a globalização e os seus efeitos, como afirmou Enrico, vocalista da banda Los Fastidios “Nós levamos adiante a nossa luta contra toda forma de racismo e contra a globalização que está em curso”^{XXIV}.

A indignação desses indivíduos está associada a problemas surgidos entre os anos de 1973 e 1979^{XXV} quando o mundo assistiu a duas crises consecutivas do petróleo, responsáveis pelo desmantelamento das economias capitalistas caracterizadas pelo *welfare state*, ou bem-estar social, como ficou conhecido. Estabelecido após a Crise de 29 e consolidado com o final da 2ª Guerra Mundial, o *welfare state* era caracterizado pela influência das ideias do economista John Maynard Keynes, que teria defendido uma relativa participação do Estado em políticas públicas que garantissem o bem-estar da sociedade através de políticas de assistência social e geração de empregos.

Nos últimos anos, grupos extremistas apresentaram um preocupante crescimento. Estima-se que somente na Alemanha existam cerca de 70 mil pessoas que possam se encaixar no perfil neofascista^{XXVI}; na Inglaterra o BNP

(*British National Party*), principal condutor dessa visão política, ganha cada vez mais espaço; assim como, na França, Jean-Marie Le Pen já esteve entre as principais lideranças da *Nouvelle Droite* (Nova Direita Francesa) e, nas eleições para a presidência em 2012, Marine Le Pen – Reunião Nacional, representante dessa extrema-direita, teve mais de 41,46% dos votos, em que o primeiro colocado, Emmanuel Macron (*República em marche*) apresentou 58,54%^{xxvii}. Até a Rússia, herdeira do antigo comunismo soviético, apresenta-se como solo fértil para a disseminação de ideias fascistas ressurgentes, propagandeadas por Wladimir Jirinowsky, falecido em abril de 2022.

Além dos fatores socioeconômicos, considera-se também a maturação de uma espécie de sentimento de angústia e frustração de alguns moradores nativos, especialmente grupos juvenis, adentrar ao movimento skinhead seria para os seus integrantes uma resposta para essa realidade

- Ricardo: Ser skinhead é uma reação contra o sistema, contra aquilo que nos impõe, contra a música que nos impõe, contra as roupas que nos impõe, contra o tipo de relação que nos impõe para com o dinheiro e para com as pessoas. Partilhamos os valores da amizade, da solidariedade, do orgulho. Nós viemos das classes sociais mais desfavorecidas e marginalizadas da sociedade. Vivemos em um sistema onde somos ensinados a termos vergonha de quem somos. Tudo que conta é ter dinheiro, ter um carro grande e nós rejeitamos isso.

- Chloé: Essa é a ideia de “sucesso”, que não compartilhamos. Porque somos diferentes, não queremos ter um carro grande, não queremos uma casa com piscina. Não desejamos nada disso^{xxviii}

Já para os membros neonazistas, indivíduos que, ao se sentirem ameaçados em relação ao mercado de trabalho, desenvolveram sentimentos xenófobos contra minorias, especialmente os imigrantes, além de culpabilizá-las

por todos os problemas presenciados em grandes centros urbanos, há um sentimento de guerra racial iminente

- *Skinhead neonazi não identificado 1: Skinheads SHARP são uma escória. Eles são desprezíveis!*
- *Skinhead neonazi não identificado: Eu quero matá-los*
- *Skinhead neonazi não identificado 1: Se você está andando pela rua e não é nazi, é apenas um skinhead, então aparecem alguns negros e o cobrem de pancada. "Eu não sou nazi! Eu não sou nazi! (Skinhead neonazi 1 imitando um SHARP). E seguem insistindo nisso, que não são nazis! É doentio!*
- *Jäsä (skinhead neonazi): Eu diria que esquerda e direita são as mãos de um mesmo corpo de Frankstein. Todas as boas ideias, todas as ideias saudáveis para a raça branca devem ser aceitas. De forma que não somos de esquerda ou de direita, somos racistas.*

Ser um skinhead White power, para mim, é algo que desenvolvi desde os 16 anos, agora tenho 30. Tornou-se o sentido da minha vida, ser assim. E para mim o propósito da vida é engajar-se nessa luta^{xxix}.

A rejeição sobre o posicionamento político de vários dos seus membros também é alvo de críticas para os militantes mais assíduos. Somado a isso, os assassinatos e as perseguições tornam a situação entre eles ainda mais problemática.

Há uma bonita frase que diz: "O fascismo não é uma opinião, o fascismo é um delito". Ser apolítico em si, não é um problema, mas fraternizar com a extrema-direita é que um problema. Isto já não se pode tolerar, há que ser claro e dizer: "Como você não se tomam cervejas... Com você no máximo trocamos algumas pancadas^{xxx}.

Os filhos de Caim e Abel, como foram denominados por Daniel Schweizer devido à origem comum e a sua relação conflituosa, representam posturas distintas para angústias e insatisfações semelhantes como o constante reforço de uma busca por identidade.

Considerações

O crescimento de manifestações de intolerância, especialmente aquela direcionada a imigrantes, tem sido relacionado a questões socioeconômicas e a aspectos culturais que promoveram uma série de reflexões sobre a ascensão da extrema-direita no século XXI. Outrossim, as contradições socioeconômicas trazidas pela globalização, somadas a uma sensação de abandono e individualismo exacerbado produziram um ambiente fértil para o surgimento de grupos e associações de jovens que buscam afirmações de identidade. Em larga medida, marcadas pelo uso da violência e por um sentimento de defesa de uma suposta territorialidade.

Esse universo, vivenciado por todos nós através dos telejornais, de pesquisas acadêmicas ou até mesmo, através de relatos de amigos próximos, despertou nas produções culturais a necessidade de representação e compreensão sobre esses eventos. O cinema, nesse sentido, buscou a seu modo reproduzir essa realidade, ainda que suas obras correspondessem a adaptações por parte dos diretores em seus respectivos filmes.

No entanto, adaptações são, por natureza, construções de um sentido e, por assim dizer, uma leitura construída por opiniões, ideologias, interpretações. O Filme é, antes de uma criação, uma adaptação profundamente pessoal e, mesmo que sua matéria-prima seja inesgotável, seu resultado estará sempre enviesado pelo olhar de seu criador.

A formação de grupos denominados *skinheads* esteve relacionada a múltiplos fatores, que buscamos elencar ao longo desse capítulo. As influências da música e de posturas de contracultura foram marcantes nessas tribos urbanas, de tal maneira que podemos inserir esses grupos juvenis no mesmo caldeirão cultural contestatório e gerador do movimento *punk*. A discussão sobre essa temática ganhou, então, fôlego devido aos sucessivos casos de violência urbana associados

à intolerância, o que provocou a produção de outros diversos filmes que buscaram ampliar esse debate através de perspectivas diferenciadas. Evidentemente, esse tema não se limitou à ficção, pois alguns documentários, como *Skinhead Attitude!* (2003), *Skin ou Morra* (2003) e *Terror Branco* (2005), foram produzidos sobre o movimento *skinhead*.

Dessa maneira, a produção constante de obras com essa linha, apresenta-se como formas de compreensão não apenas sobre o crescimento da intolerância, mas também sobre a sua associação ao movimento *skinhead*. O cinema nos proporcionaria uma leitura e até mesmo, uma lente de aumento sobre esses fenômenos que além de ampliar a discussão, possibilitaria a abertura de uma janela de interpretações e leituras sobre aquilo que ele se propõe a representar. Ele não encerra a questão, mas, sim, inicia novos percursos de reflexão, pois, que posto dessa forma, seja também um mecanismo de pensar.

Notas

¹ MAYNARD, Dilton Cândido Santos Maynard. **História, Neofascismos e Intolerância**. Rio de Janeiro. Editora: Multifoco, 2012.

² Sobre o tema destacamos algumas referências: ALMEIDA, Alexandre de; COSTA, Márcia Regina. Os Skinheads brasileiros e os movimentos nacionalistas contemporâneos. In: LUSTOSA, Rogério V. (Org.). **À Direita da Direita**. Goiânia: Editora PUC-GO, 2011; BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A imprensa integralista e o jornal *Acção*: vínculos ideológicos entre a extrema direita no século XX. In: GONÇALVES, L. P.; SIMÕES, R. D. **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob Medida, 2011. _____. Dio patria famiglia. Plínio Salgado e gli "integralisti" brasiliani. **Historia Magistra**, v.1, p.15-29, 2015. Entre milícias e militantes IV: neointegralistas ou integralismo contemporâneo. *PassaPalavra*, 2 jul. 2009. Disponível em: . Acesso em: 19/2/2011. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. SCHURSTER, Karl. **Passageiros da tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente**. Recife: Editora CEPE, 2022. _____. **Antissemitismo: uma presença atual**. Rio de Janeiro. EDUPE, 2021; JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância, 1987-2003**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

^{III} TELES, P.R.A. Imagens da intolerância: Representações dos neofascismos no cinema contemporâneo. in: MAYNARD, Dilton Cândido Santos Maynard. **História, Neofascismos e Intolerância**. Rio de Janeiro. Editora: Multifoco, 2012.

^{IV} FERREIRA, Vítor Sérgio. Ondas, cenas e microculturas juvenis. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.15, 2008, pp.99-128. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/75231/78996>> Acesso em 02 set 2013.

^V Extraído em 2'36". BLOODVESSEL, Buster (vocalista da banda Bad Manners). IN: SCHWEIZER, Daniel. **SKINHEAD Atitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr, Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. Suíça / França / Alemanha, 2003. DVD, 93min. color. Son.

^{VI} FERREIRA, 2008, p. 102.

^{VII} FERREIRA, p. 103, 2008.

^{VIII} FERREIRA, p.114, 2008.

^{IX} FEIXA, Carles. De culturas, subculturas y estilos. in: **De Jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud**, Capítulo III. Editorial Ariel, S.A. Barcelona, 1999. pp.84-105. Disponível em <<http://lazoblanco.org/wp-content/uploads/2013/08manual/adolescentes/0012.pdf>> Acesso em 02 set 2013.

^X Não é objetivo desse capítulo discutir sobre a temática relacionada ao debate entre o mainstream e o underground. Em relação a isso, apontamos BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk. 2006. BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

^{XI} Las culturas juveniles no son homogéneas ni estáticas: las fronteras son laxas y los intercambios entre los diversos estilos, numerosos. Los jóvenes no acostumbran a identificarse siempre con un mismo estilo, sino que reciben influencias de varios, y a menudo construyen un estilo propio. Todo ello depende de los gustos estéticos y musicales, pero también de los grupos primarios con los que el joven se relaciona. FEIXA, p.87, 1999. As traduções de outros idiomas e expressões estrangeiras presentes nesse capítulo foram realizadas de maneira livre pelo autor.

^{XII} MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: ed Forense Universitária, 2010.

^{XIII} MAFFESOLI. p. 42, 2010.

^{XIV} SALAS, Antônio. **Diário de um skinhead: Um infiltrado no movimento neonazista**. São Paulo. ed. Planeta do Brasil, 2006.

^{XV} Indivíduos que não eram bem vistos pela sociedade, já que se envolviam em diversos enfrentamentos com a polícia, além de consumirem quantidade excessiva de maconha. SALAS, p.31, 2006.

^{XVI} Extraído em 8'45". LAUREL, Aitken. IN: SCHWEIZER, Daniel. **SKINHEAD Atitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr, Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. Suíça / França / Alemanha, 2003. DVD, 93min. color. Son.

^{XVII} Ver SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, VIANA, Alexander Martins. **Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000.

^{xviii} Tradução livre: SHARP (Skinheads against racism prejudice ou Cabeças raspadas contra o racismo), RASH (Red and anarchy skinheads ou comunistas e anarquistas skinheads).

^{xix} SALEM, Helena. **As Tribos do Mal: O neonazismo no Brasil e no mundo**. São Paulo. ed. Atual, 1995, p. 39.

^{xx} Ver SALEM, Helena. **As Tribos do Mal: O neonazismo no Brasil e no mundo**. São Paulo. ed. Atual, 1995.

^{xxi} Extraído em 17'48". Diálogo entre Gavin Watson e Simon, skinhead participante do documentário *Skinhead Attitude!*. IN: SCHWEIZER, Daniel. **SKINHEAD Attitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr, Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. Suíça / França / Alemanha, 2003. DVD, 93min. color. Son.

^{xxii} Extraído em 33'40". MOB (Líder skinhead neonazista). in: SCHWEIZER, Daniel. **SKINHEAD Attitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr, Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. Suíça / França / Alemanha, 2003. DVD, 93min. color. Son.

^{xxiii} Extraído em 30'13". MORENO, Roddy (Vocalista da banda The Oppressed, banda Oi!). in: SCHWEIZER, Daniel. **SKINHEAD Attitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr, Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. Suíça / França / Alemanha, 2003. DVD, 93min. color. Son.

^{xxiv} Extraído em 37'11". Enrico (Vocalista da banda Los Fastidios). in: SCHWEIZER, Daniel. **SKINHEAD Attitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr, Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. Suíça / França / Alemanha, 2003. DVD, 93min. color. Son.

^{xxv} Ver HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)**. São Paulo, ed. Companhia das Letras, 1995.

^{xxvi} SILVA, p.322, 2000.

XXVII Em 2012, quando esse texto foi produzido em sua primeira versão, Marine Len Pen, representante dessa extrema-direita, obteve 17,9% dos votos, em que o primeiro colocado, o socialista François Hollande, apresentou 28,6%. Dados obtidos em ALMOND, Kyle. Five things to know about the French election. **CNN**. 23 abril 2012. Disponível em <http://edition.cnn.com/2012/04/23/world/europe/french-election-five-things-runoff/index.html?hpt=ieu_mid> Acesso 30 maio 2023.

^{xxviii} Extraído em 42'30". Depoimento de Ricardo e Chloé, integrantes do movimento skinhead. in: SCHWEIZER, Daniel. **SKINHEAD Attitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr, Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. Suíça / França / Alemanha, 2003. DVD, 93min. color. Son.

^{xxix} Extraído em 52'09". Depoimento de skinheads neonazistas. in: SCHWEIZER, Daniel. **SKINHEAD Attitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr, Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. Suíça / França / Alemanha, 2003. DVD, 93min. color. Son.

^{xxx} Extraído em 45'19". Boscho (músico da banda Scrapy). in: SCHWEIZER, Daniel. **SKINHEAD Attitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr, Werner

Schweizer Samir e Annette Pisacane. Suíça / França / Alemanha, 2003. DVD, 93min. color. Son.

Referências

ALEMANHA prende suspeito de ser cúmplice de assassinos neonazistas. **Portal G1, com informações de agências internacionais**. 13 novembro 2011. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/11/alemanha-prende-suspeito-de-ser-cumplice-de-assassinos-neonazistas.html>>. Acesso 30 maio 2023.

ALMOND, Kyle. Five things to know about the French election. **CNN**. 23 abril 2012. Disponível em <http://edition.cnn.com/2012/04/23/world/europe/french-election-five-things-runoff/index.html?hpt=ieu_mid> Acesso 30 maio 2023.

ANDERSON, Peter. Rude Boys. **Museum of Youth Culture**. Londres. Disponível em Museum of Youth Culture. Shaftesbury Avenue, 154. Londres, Inglaterra. Disponível em <<https://museumofyouthculture.com/rude-boy/>> Acesso 27 maio 2023.

ALMEIDA, Alexandre de; COSTA, Márcia Regina. Os Skinheads brasileiros e os movimentos nacionalistas contemporâneos. In: LUSTOSA, Rogério V. (Org.). **À Direita da Direita**. Goiânia: Editora PUC-GO, 2011.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. A imprensa integralista e o jornal Acção: vínculos ideológicos entre a extrema direita no século XX. In: GONÇALVES, L. P. SIMÕES, R. D. **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guarába: Sob Medida, 2011.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Dio patria famiglia. Plínio Salgado e gli “integralisti” brasiliani. **Historia Magistra**, v.1, p.15-29, 2015.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Entre milícias e militantes IV: neointegralistas ou integralismo contemporâneo. **PassaPalavra**, 2 jul. 2009.

FEIXA, Carles. De culturas, subculturas y estilos. in: **De Jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud**, Capítulo III. Editorial Ariel, S.A. Barcelona, 1999. pp.84-105. Disponível em <<http://lazoblanco.org/wp-content/uploads/2013/08manual/adolescentes/0012.pdf>> Acesso em 02 set 2013.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Ondas, cenas e microculturas juvenis. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.15, 2008, pp.99-128. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/75231/78996>> Acesso em 02 set 2013.

FRANCISCO, Pedro. Mods. **Museum of Youth Culture**. Londres. Disponível em Museum of Youth Culture. Shaftesbury Avenue, 154. Londres, Inglaterra. Disponível em <<https://museumofyouthculture.com/mods/>> Acesso 27 maio 2023.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX (1914-1991)**. São Paulo, ed. Companhia das Letras, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: ed Forense Universitária, 2010.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos Maynard. **História, Neofascismos e Intolerância**. Rio de Janeiro. Editora: Multifoco, 2012.

SALAS, Antônio. **Diário de um skinhead: Um infiltrado no movimento neonazista**. São Paulo. ed. Planeta do Brasil, 2006.

PICCIOLINI, Christian. Banda de Picciolini chegou a se apresentar na Alemanha. in: LIPMAN, Natasha. O ex-neonazista que hoje se dedica a 'desconverter' extremistas. **BBC News Brasil**. São Paulo, 14 dez 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55201278>> Acesso 27 maio 2023.

SALEM, Helena. **As Tribos do Mal: O neonazismo no Brasil e no mundo**. São Paulo. ed. Atual, 1995.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. SCHURSTER, Karl. **Passageiros da tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente**. Recife: Editora CEPE, 2022.

_____. **Antissemitismo: uma presença atual**. Rio de Janeiro. EDUPE, 2021; JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. **Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória: Revisão Editora e as estratégias da intolerância, 1987-2003**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

TELES, P.R.A. Imagens da intolerância: Representações dos neofascismos no cinema contemporâneo. in: MAYNARD, Dilton Cândido Santos Maynard. **História, Neofascismos e Intolerância**. Rio de Janeiro. Editora: Multifoco, 2012.

WATSON, Gavin. Skinheads na propriedade Micklefield em High Wycombe, onde o londrino Watson cresceu. in: Skinhead para raves: as fotos de Gavin Watson dos anos 1980 serão apresentadas em nova peça. **BBC Notícias**. Londres, 21 set 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/news/uk-england-beds-bucks-herts-53833081>> Acesso 27 maio 2023.

Lista de Filmes

A Onda (Die Welle). [Filme-vídeo]. Direção Dennis Gansel. Produção e Distribuição Paramount Home Entertainment, EUA, 2008. DVD, 107min. color. son.

BOTAS de aço (Steel Toes) [Filme-vídeo]. Direção de Mark Adam e David Gow. Produção e Distribuição Film option international. Canadá, 2006. DVD, 90min. color. son.

EVIL – Raízes do Mal (Ondskan) [Filme-vídeo]. Direção Mikael Håfström. Produção e Distribuição Moviola Film och Television. Suécia / Dinamarca, 2003. DVD, 113min. color. son.

Filhos de Ninguém (Farming) [Filme-vídeo]. Direção Adewale Akinnuoye-Agbaje. Produção Michael London, Janice Willians, François Ivernel e Andrew Levitas. Reino Unido / EUA / França, 2018. DVD, 107min. color. son.

FUHRER-EX. [Filme-vídeo]. Direção Winfried Bonengel. Produção e Distribuição Next Film, Alemanha, 2002. DVD, 105min. color. son.

GAROTAS do ABC [Filme-vídeo]. Direção Carlos Reichenbach. Produção Sara Silveira, BRASIL, 2003. DVD, 130min. color, son;

HATE rising [Filme-documentário]. Direção Catherine Tambini. Produção Fusion and Univision Story House. Estados Unidos. 2016. DVD, 50 min. color, son.

HOOLIGANS (Green Street Hooligans) [Filme-vídeo]. Direção Lexis Alexander, Produção e Distribuição Warner Bros studios. EUA / Reino Unido, 2005. DVD, 109min. color. son.

IMPERIUM [Filme-vídeo]. Direção Daniel Ragussis. Produção Grindstone Entertainment Group, Mídia do Escultor, Recursos atômicos, Tycor International, Film Company, Sinal Verde Internacional. Distribuição Estreia Lionsgate. Estados Unidos, 2016. DVD, 109 min. color, son.

INITIATION (Blutsfreundschaft) [Filme-vídeo]. Direção Peter Kern. Produção Franz Novotny. Alemanha, 2009. DVD, 95 min. color, son.

RUSSIA 88 [Filme-vídeo]. Direção Pavel Bardin. Produção Pavel Bardin, Vasiliy Solovyov e Pyotr Fyodorov. Rússia, 2009. DVD, 104 min. color, son.

SANGUE francês (French Blood) [Filme-vídeo]. Direção Diastème. Produção Fin Aoùt Productions Mars Films France 3 Cinema. França, 2015. DVD, 97 min. color, son.

SKIN [Filme-vídeo]. Direção Hanro Smitsman. Produção e Distribuição Marc Barry. HOLANDA, 2008. DVD, 85min. Color, son.

SKIN ou morra. [Filme-documentário]. Direção Daniel Schweizer. Produção e Distribuição Horizon Films, Les Films Grains de Sable, RTS Radio Télévision Suisse, ARTE GEIE. FRANÇA / SUÍÇA, março 2003. DVD, 62min. color. son.

SKINHEAD Atitude! [Filme-documentário]. SCHWEIZER, Daniel. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr, Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. Suíça / França / Alemanha, agosto 2003. DVD, 93min. color. Son

SOLDADO de Deus [Filme-vídeo]. Direção Sérgio Sanz. Produção e Distribuição Sérgio Sanz por J.Sanz Produção Audiovisual. BRASIL, 2004. DVD, 80min. Color, son.

TERROR Branco (White Terror). [Filme-documentário]. Direção Daniel Schweizer. Produção e Distribuição Dschoint Ventschr Filmproduktion, Cameo Filmproduktion, Horizon Films, Little Bear. FRANÇA, 2005. DVD, 90min. color. son.

THIS is England [Filme-vídeo]. Direção Shane Meadows. Produção e Distribuição Big Arty Productions, Reino Unido, 2006. DVD, 101min. color, son;

THIS is England '86: Episode 1 [Filme de TV-Minissérie]. Direção Shane Meadows e Tom Harper. Produção e Distribuição Warp Films, Big Arty Productions. Reino Unido, 2010. CANAL 4, DVD, 45min. color, son

THIS is England '88 [Filme de TV-Minissérie, 1 Temporada, 3 episódios]. Direção Shane Meadows e Tom Harper. Produção e Distribuição Warp Films, Big Arty Productions. Reino Unido, 2011. CANAL 4, DVD. color, son.

TOLERÂNCIA Zero (The Believer) [Filme-vídeo]. Direção Henry Bean. Produção e Distribuição Seven Arts Pictures / Fuller Films. EUA, 2001. DVD, 100min. color. son.

Recebido: 17/09/2025
Aprovado: 23/11/2025
Publicado: 30/12/2025